O DIA em que comecei a pegar o trem foi o primeiro dia em que senti que tinha realmente crescido. Não que eu me *sentisse mais madura* ou algo tão impressionante assim; eu apenas sentia que estava subindo a escada rolante para a vida adulta contra a minha vontade. O crescimento mental não era fácil de medir, então o único parâmetro real era a idade. O mundo me via como adulta, e eu era obrigada a me comportar como tal. Nada mais.

Peguei o trem até a prefeitura vizinha, depois me juntei ao fluxo da multidão e caminhei até a entrada do metrô. Não tive tempo de admirar o glamouroso relógio dourado que tantas vezes servia como ponto de encontro. Em vez disso, desci direto as escadas, onde o cheiro das pessoas ficava mais forte — principalmente perfume e spray de cabelo. Aqui embaixo, o barulho não me oferecia paz alguma.

De lá, peguei o metrô até a próxima estação, onde subi e desci ainda mais escadas para fazer outra baldeação. Não era longe, mas suspirei mesmo assim. A poeira parecia grudar na minha pele, me pesando.

Desde que me formei e consegui um emprego, sempre havia uma sensação persistente de cansaço no fundo da minha mente que nunca ia embora.

Enquanto eu estava na plataforma esperando o próximo trem, meu olhar vagou, e eu avistei uma mulher a três pessoas de distância com uma expressão letárgica no rosto. *Nos encontramos de novo*, pensei comigo mesma. O cabelo dela caía quase até a cintura, com mechas marrons que sugeriam que ela o havia descolorido há bastante tempo, mas eram os olhos dela que deixavam uma impressão — mogno profundo e perpetuamente sonolentos. Ela parecia ter a minha idade, e nossos horários frequentemente coincidiam… mas, claro, ela ainda era apenas uma estranha. Eu não sabia o nome dela. Nunca sequer tinha *falado* com ela.

Por outro lado, eu não conhecia uma única outra pessoa ali. Todos os dias, nós todos embarcávamos em um trem cheio de estranhos e seguíamos para nosso destino distante. Quanto mais eu pensava nisso, mais parecia uma prisão sem grades… ou será que era só porque estávamos muito abaixo para ver o céu?

Então o trem chegou à estação, e a Srta. Sonolenta e eu entramos em vagões diferentes. Eu tinha uma leve esperança de conseguir um assento vazio hoje, mas todos se ocuparam num piscar de olhos. Com um suspiro, me encostei nas portas fechadas do trem, do lado oposto do vagão. Depois pressionei a cabeça contra a janela e suspirei de novo. O dia nem tinha começado e eu já estava exausta. Será que era assim para todo mundo?

Desesperada por um fio de motivação, chequei a data no meu celular, mas, como esperado, era apenas quinta-feira. Ainda havia mais um dia de trabalho depois desse. Sem nenhum raio de esperança para me manter em pé, minha cabeça caiu ainda mais.

Então, finalmente, o trem começou a se mover pela escuridão, me levando para o meu próprio inferno pessoal.

***

Na minha idade, eu já tinha passado a maior parte da vida indo à escola, então talvez isso explicasse por que eu era uma estudante de novo em tantos dos meus sonhos — incluindo o da noite passada.

Por algum motivo, estávamos todos na escola no meio da noite, e os professores nos obrigavam a estudar, como se fosse uma espécie de detenção que durava a noite inteira. Era horrível. Eu só queria poder ir para casa dormir, mas então percebi: nada me impedia de fazer exatamente isso. Num piscar de olhos, arrumei minhas coisas e saí da sala (que, por algum motivo, ficava no primeiro andar e tinha o tamanho de um ginásio inteiro). Depois, saí correndo na noite, respirando o ar fresco, e ninguém tentou me impedir.

O que não era surpresa nenhuma, é claro. Afinal, eu não era mais uma estudante.

Bem quando esse pensamento se fixou em mim, meu despertador começou a tocar, e conforme minha mente despertava, meu trabalho real se infiltrou no sonho. Engraçado até.

Eu estava sempre com sono. Não importava o quanto dormisse, a sonolência ficava ali, pesando atrás dos meus olhos. Mas como eu não sentia cansaço em nenhum outro lugar, era evidente que meu corpo estava descansando o suficiente. Encarei o vilão que me acordou e, lentamente, me levantei para começar a me arrumar. Enquanto os alunos tinham o luxo de matar aula se quisessem, eu não tinha essa sorte. O sonho era apenas um sonho.

Antes de sair para a escola, minha irmãzinha insolente mandou eu tomar jeito. Depois, minha mãe entrou no quarto e gritou para eu parar de enrolar. Nesse sentido, nada tinha mudado muito.

Assim que lavei o rosto, comecei a me sentir um pouco mais acordada. No espelho, vi meu próprio reflexo sem vida. *Sem cor*, pensei, tocando minha bochecha. Minha pele estava hidratada, mas ainda parecia pálida. *Pelo menos assim eu combinava com o resto dos meus colegas de trabalho*, pensei com uma risada seca, desviando o olhar.

Peguei um ônibus até a estação de trem e, de lá, embarquei no metrô. Eu já estava começando a me arrepender de ter aceitado um trabalho tão longe de casa. Até agora, todas as minhas decisões tinham sido impulsivas, e só agora eu conseguia enxergar meus próprios erros. *Assim é a vida, imagino*. Reprimi um bocejo, entrei na fila e esperei o trem chegar.

Foi então que notei um rosto familiar. Por algum motivo — talvez tivéssemos o mesmo horário ou talvez ela morasse no meu bairro —, eu via essa garota com frequência. Ela estava ligeiramente curvada, com os cabelos escuros caindo como um véu sombrio sobre os olhos. Parecia ter a minha idade, embora fosse um pouco mais alta. Fora isso, era uma completa desconhecida.

Outro bocejo escapou, trazendo lágrimas aos meus olhos. As enxuguei rapidamente e voltei a encarar a frente. O trem chegaria em breve. E então me levaria até meu destino, onde eu passaria oito horas miseráveis desejando poder ir embora.

Como esperado, o trem chegou, e a Senhorita Sombria e eu embarcamos em vagões diferentes. Havia um assento vago, mas escolhi não sentar. Se o fizesse, havia grandes chances de eu cochilar e perder minha estação, então só podia me dar ao luxo de sentar na viagem de volta. Mas, é claro, o trem da noite era ainda mais lotado, então raramente eu conseguia um lugar.

Em vez disso, fui até a barra de apoio perto dos assentos e segurei firme enquanto minha mente vagava. Se não tomasse cuidado, corria o risco de adormecer em pé. Então, a cada parada do trem, olhava para o mapa da rota e me perguntava: o resto da minha vida seria tão entediante assim? Algo algum dia sacudiria esse barco?

Eu não ia mergulhar na água a menos que houvesse algo que valesse a pena. Se o fundo do oceano estivesse vazio, então tudo o que eu queria era passar o resto do tempo dormindo. Assim, ao menos, eu poderia minimizar meu sofrimento.

***

As pessoas sempre diziam que eu era entediante. Às vezes era uma brincadeira, outras vezes não era nem um pouco. De qualquer forma, eu nunca discordava. Até eu conseguia ver o quão monótona minha vida era. E se minha vida era chata, então certamente eu também era.

Todos os dias, eu ia da casa para o trabalho e do trabalho para a casa, sem real interesse por nada e mantendo minhas emoções anestesiadas sob uma tampa bem fechada. Mas eu já estava acostumada. Era exaustivo e um verdadeiro fardo, mas eu conseguia suportar.

Pensando bem, não era tão diferente da época do colégio. Sem amigos próximos, sem ninguém com quem me importar… A sensação era sufocante, como tentar falar com a garganta seca. Mas os dias que viriam não me trariam alívio algum dessa miséria. Contanto que eu mantivesse isso em mente, poderia aguentar.

Depois de terminar meu trabalho entorpecedor, cheguei à estação de metrô e desci as escadas. Sempre que estava voltando para casa, meus suspiros de frustração se transformavam em suspiros de alívio. Então o trem chegou, e eu embarquei, ouvindo ao fundo os passos frenéticos dos estudantes correndo escada abaixo.

Caminhei rápido, direto para o assento vazio que já estava no meu campo de visão. Hoje, não deixaria ninguém pegá-lo antes de mim. Com um suspiro pesado, ocupei o lugar… e, no exato mesmo instante, como se em perfeita sincronia, alguém sentou ao meu lado.

Olhei para o lado e congelei, ficando metade do corpo sobre o assento. Era a mulher sonolenta daquela manhã, sentada bem ao meu lado. Curvando-se para frente, ela olhou para mim; aparentemente, me reconheceu como um dos rostos familiares no trajeto dela.

Nos encaramos, cada uma recuando um pouco para dar espaço para a outra. Então o trem começou a se mover, e ela sorriu timidamente. Diferente de seu olhar habitual, meio sonolento, seu sorriso suave fez minha pele arrepiar. Eu balancei a cabeça educadamente, depois virei para frente.

Pela primeira vez em muito tempo, algo trouxe vida aos meus sentidos entorpecidos. Por que eu me sentia tão constrangida? Ficava olhando para ela pelo canto dos olhos. Ela também estava me olhando; seus olhos grandes e suaves me observavam curiosos. Então nossos olhares se encontraram, e senti minhas bochechas queimarem. Me apressei em virar novamente para frente.

Eu podia sentir o calor derretendo todas aquelas camadas de poeira.

Mas por quê? Somos apenas duas estranhas que pegaram o mesmo trem, agora sentadas lado a lado no mesmo vagão. Ainda não trocamos uma única palavra entre nós. Então, por que meu coração estava acelerado desse jeito? Minha postura normalmente curvada agora estava, de repente, mais reta que uma vara.

Eu sabia até onde estava indo; o mesmo poderia ser dito para ela. Não tínhamos nada de interessante para conversar. Estávamos apenas sentadas juntos... *Juntos*? Realmente isso contava como "sentar juntas"? Sentamos ao lado uma da outra puramente por acaso. Foi uma coincidência, no melhor dos casos.

Mas, por outro lado, talvez fosse assim que as coisas funcionavam. Ninguém *decidiu* que nos encontraríamos um dia, mas por algum motivo, nossas vidas se cruzaram nesse único ponto minúsculo. Talvez eu não controlasse essas coisas tanto quanto eu pensava.

O trem diminuiu a velocidade até parar. Logo, aquele momento chegaria ao fim. Então, antes que eu perdesse a chance, decidi agir. "Ei, hum... qual é o seu nome?"

Mesmo que tivéssemos perdido a chance de nos encontrarmos antes, o destino nos reuniu novamente. E foi esse único destino que virou todo o enredo.

~Pensamento de Hoje da Adachi~

Eu tive um sonho. Foi tão incrível que eu não consegui nem lembrar o que aconteceu. Mas, seja o que for, foi *incrível*.